

CONTOS E POEMAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO



Índice

Apresentação

Nota Introdutória

Sobre o Livro *Ideias para adiar o fim do mundo*

Prefácio

Sobre Ailton Krenak

[05](#)
[06](#)
[07](#)
[07](#)

I. Contos

Alice Maia

O COMEÇO DE TUDO

[09](#)

O MEIO SEM SAÍDA

[09](#)

POR ACASO, O FIM DO MUNDO?

[09](#)

Gabriel Jordão

O DIA ENSOLARADO

[10](#)

O FIM DO MUNDO QUE A GENTE CONHECE

[12](#)

OS VENTOS DO SUL

[14](#)

José Latgé

EXISTÊNCIA DESIDIOSA

[16](#)

O ESTIRÃO

[17](#)

VÍCIO

[18](#)

Luana Castilho

LUA DE SANGUE

[19](#)

RAÍZES E PASSOS

[21](#)

O DIA QUE O MUNDO VOLTOU A RESPIRAR

[22](#)

Maria Eduarda Odriosa

CASA

[23](#)

POR TRÁS DAS CÂMERAS

[26](#)

BANHOS QUENTES E FINS DE MUNDO

[29](#)

II. Poemas

Akawã Monteiro	
SENTIR	32
Fernanda Medeiros	
O VENTO	32
CÉU INCOLOR	33
Gael Fonseca	
AQUI	33
Laura Teixeira	
ESTE LOCAL	34
Lívia Amazonas	
CALMARIA	34
Maria Clara Medeiros	
MUNDO URBANO	35
Miguel Vergara	
O BARULHO DO SILENCIO	35
Alice Maia	
O SILENCIO NOS ACOLHE	36
Maria Eduarda Odriosa	
EU NÃO GOSTO DE MATO, MAS...	36
III. Autores e Autoras	38-40

IV. Páginas Finais

Texto AEN	41
3ª Série	42
9º Ano	43
Agradecimentos	44

**CONTOS E
POEMAS PARA
ADIAR O FIM
DO MUNDO**

Nota introdutória

Professoras Angelica Penedo, Ana Beatriz Firmino e Evelyn Rocha

Este livro faz parte da culminância da Feira de Arte e Literatura 2025, da Associação Educacional de Niterói, que teve como tema “Raízes Ancestrais: o tempo que habita em nós”, e as turmas do 9º ano do Ensino Fundamental e da 3ª série do Ensino Médio trabalharam no projeto “Chuva de ideias para adiar o fim do mundo”, inspirado na obra e no pensamento de Ailton Krenak, que defende os saberes indígenas como caminhos de memória, resistência e pertencimento.

A proposta buscou aproximar os estudantes das reflexões sobre ancestralidade e sobre a relação entre o ser humano e a natureza, estimulando a criação literária como forma de resistência e expressão. O eixo norteador — “Saberes indígenas como caminhos de memória, resistência e pertencimento” — valoriza a pluralidade cultural e o pensamento ancestral na contemporaneidade.

Na 3ª série do Ensino Médio, o trabalho teve início com a leitura da obra *Ideias para adiar o fim do mundo*, de Ailton Krenak. Após discussões e atividades interpretativas, os alunos e alunas refletiram sobre como o pensamento ancestral pode ser aplicado ao mundo atual. Em seguida, estudaram o gênero narrativo conto, explorando suas características e estrutura. A partir dessas reflexões, cada estudante da 3ª série produziu três contos: um com temática relacionada ao eixo ancestral e dois de temática livre, compondo o livro coletivo da turma.

O 9º ano do Ensino Fundamental, por sua vez, trabalhou com o gênero poema, criando textos autorais inspirados nas mesmas ideias — de valorização da natureza, das raízes culturais e da possibilidade de imaginar outros mundos possíveis. Alguns estudantes da 3ª série também se aventuraram nos versos, e o resultado podemos ler aqui.

Assim, o livro ***Contos e poemas para adiar o fim do mundo*** reúne vozes, sonhos e reflexões que, unidas, buscam transformar palavras em gestos de esperança e de cuidado com a vida.

Sobre o livro *Ideias para adiar o fim do mundo*

Nesse livro, Krenak propõe uma reflexão profunda sobre o modo como vivemos e como nossa relação com a Terra pode (e deve) mudar para que possamos “adiar o fim do mundo”. As ideias fundamentais são:

1. Reconectar-se com a natureza

Krenak nos convida a deixar de ver a natureza como um “recurso” e a reconhecê-la como parte viva de nós mesmos. Ele defende que o mundo natural não é algo separado dos humanos, mas o próprio espaço de onde vem a nossa existência.

2. Rever o modelo de desenvolvimento

O autor critica a ideia de “progresso” que destrói florestas, rios e modos de vida tradicionais. Ele propõe um modo de viver mais simples, sustentável e respeitoso, que valorize o bem viver em vez do consumo excessivo.

3. Valorizar a diversidade

Krenak lembra que existem muitos modos de existir no mundo — indígenas, urbanos, rurais, espirituais, científicos — e que essa diversidade é o que mantém o planeta vivo. O problema surge quando uma única visão (a ocidental, capitalista) tenta dominar todas as outras.

4. Manter viva a capacidade de sonhar

Para ele, o “fim do mundo” não é apenas um evento físico, mas também a perda da nossa capacidade de imaginar outros futuros. Adiar o fim do mundo significa não deixar de sonhar, criar e acreditar em novas formas de vida coletiva.

PREFÁCIO

Inspiração para a escrita dos contos e poemas

Gabriel Jordão (3^a série do Ensino Médio)

A inspiração para este livro nasceu da leitura de *Ideias para adiar o fim do mundo*, de Ailton Krenak. Em suas palavras, encontramos um convite urgente à reflexão sobre o modelo de civilização ocidental, que muitas vezes enxerga a natureza apenas como um recurso a ser explorado — esquecendo-se de que fazemos parte dela.

Krenak nos provoca a repensar nossa relação com o planeta, com a floresta e com os povos originários que há séculos preservam saberes, memórias e formas de existir em harmonia com a Terra.

Movidos por essa inspiração, os contos e poemas reunidos neste livro surgem como gestos de resistência, cuidado e esperança. Cada texto é uma tentativa de imaginar outros mundos possíveis — mais sensíveis, mais coletivos, mais vivos.

Este projeto coletivo transformou ideias em palavras e palavras em textos para adiar o fim do mundo.

Sobre Ailton Krenak

Alice Maia (3^a série do Ensino Médio)

Ailton Krenak é um líder indígena, ambientalista, escritor e filósofo, nascido em 1953 na região do Vale do Rio Doce, em Minas Gerais. Ele desempenha um papel crucial na luta pelos direitos indígenas e ambientais, tendo participado da Constituinte de 1988, que resultou no reconhecimento desses direitos na Constituição. Krenak é autor de obras influentes, como *Ideias para adiar o fim do mundo*, *A vida não é útil* e *O amanhã está à venda*.

Aos dezessete anos, mudou-se para o Paraná, onde se alfabetizou e se tornou produtor gráfico e jornalista. Em 18 de fevereiro de 2016, a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) concedeu a Krenak o título de professor doutor Honoris Causa, em reconhecimento à sua importância na luta pelos direitos dos povos indígenas e pelas causas ambientais no país.

Além disso, Ailton participou da série da Netflix *Guerra do Brasil*, produzida em 2018, que relata detalhadamente a formação do Brasil ao longo dos séculos, desde os conflitos conquistadores até a violência contemporânea.

Contos

ALICE MAIA

O COMEÇO DE TUDO

Era uma vez duas melhores trabalhadoras que descobriram que o fim do mundo estava próximo. Elas precisavam fazer algo para mudar isso! Então, uma delas teve a ideia de viajar para espalhar sua palavra, dizendo que o mundo estava acabando.

Contudo, depois de meses, ela conseguiu reunir várias pessoas para irem falar com o tão temido deus do mundo, “Jesus”. Eles foram em busca de suas terras e se- guiram atrás dele. Quando chegaram lá, ele falou para todos que queriam adiar o fim do mundo que deveriam trazer a paz mundial — sem preconceitos, sem bombas. E lá se foram em busca disso.

O MEIO SEM SAÍDA

Um belo dia, um jovem que já sabia que estava próximo de morrer, ou de que o mundo estava morrendo, decidiu fazer um calendário de quantos dias ele teria aqui na Terra daqui pra frente.

No segundo dia, ele recebeu um aviso do mundo dizendo que ele decifrou o caso de o mundo estar avisando que o fim estivesse próximo, e então ele falou que deveria fazer algo antes que tudo acabasse.

Ele disse que deveria fazer um trabalho mundial voluntário na África, tentando dar o melhor para eles.

Depois de três meses, ele conseguiu completar seu propósito e, assim, conseguiu provar para o mundo que suas intenções eram boas — e então ele adiou o fim do mundo.

POR ACASO, O FIM DO MUNDO?

Ultimamente estamos trabalhando com o livro de Ailton Krenak chamado *Ideias para adiar o fim do mundo*, que nos faz refletir sobre ideias para que o fim do mundo não aconteça.

Nesse contexto, podemos pensar mais sobre o que fazer para não adiantar o fim do mundo. Uma das ideias seria parar com a exploração das matas e dos lugares não urbanizados; outra ideia seria ter solidariedade com o próximo.

É importante destacar que, antes de sermos “o mundo”, somos humanos — e humanos são seres que também precisam de ajuda. Para que o fim do mundo não aconteça tão cedo, podemos reciclar, preservar e fazer isso em comunidade.

Aprender a viver em comunidade é importantíssimo, porque não somos sós na vida — sempre teremos alguém. Portanto, um lugar com harmonia e pensamento coletivo faz bem para o mundo e para todos; aprender a viver em comunidade, sem exploração mental e física do outro, é essencial.

A ideia de adiar o fim do mundo nos dá a impressão de que precisamos apro- veitar ao máximo o hoje e não nos estressar com o amanhã que há de chegar — quando, na verdade, o que se faz é agora.

GABRIEL JORDÃO

O DIA ENSOLARADO

Em um belo dia, o sol brilhava e os raios batiam em uma casa na praia, fazendo a família acordar. Quem acordou primeiro foi Antônio, uma criança de cabelos pretos e olhos verdes. Quando acorda, ele fica muito animado, começa a se arrumar, troca de roupa, escova os dentes e, ao terminar sua rotina da manhã, corre para o quarto dos pais.

Antônio pula na cama, acordando o pai e a mãe, que despertam assustados. Ele dá um abraço forte nos dois, e os pais retribuem. A mãe era uma mulher asiática, de cabelos castanhos e olhos verdes; o pai, de cabelos e olhos pretos, começa a se arrumar junto com a família.

Todos vão para a cozinha, e Antônio, ansioso, fala:

— É hoje, é hoje!

O pai pergunta:

— Qual é, filho? Primeiro come, pra ter energia pro dia de hoje.

Depois de trinta minutos, terminam o café da manhã e saem de casa arrumados para o dia da trilha. No carro, durante a viagem, Antônio olha pela janela e nota que algumas pessoas estavam construindo uma rua, desmatando a flora local.

Ele começa a fazer perguntas ao pai:

— Pai, por que as pessoas estão desmatando as florestas?

O pai responde:

— Filho, eles estão construindo essa rua para a cidade vizinha. Antônio retruca:

— Mas, pai, estão matando o meio ambiente! Nesse local não tem animais!

O pai responde:

— Sim, filho, mas as pessoas não estão ligando. O prefeito mandou fazer essa obra sem consultar ninguém.

Antônio diz:

— Mas isso é errado! O pai concorda:

— Eu sei, meu filho. Mas tem pessoas que não se importam. Pra mudar as coisas, é preciso conscientizar as pessoas, votar em quem faz a diferença e também cobrar as propostas deles.

A viagem passa voando. Chegando à trilha, eles estacionam o carro. O pai diz:

— Filho, essa trilha é especial pra nossa família. O meu pai fez essa trilha comigo, e agora a gente vai fazer juntos.

Os olhos de Antônio brilham ao ouvir isso. Os dois começam a trilha enquanto a mãe fica um pouco para trás. Vão andando, vendo vários animais, tirando fotos e conversando sobre curiosidades.

Depois de vinte minutos, Antônio pergunta:

— Pai, há quanto tempo nossa família faz essa trilha? O pai responde:

— Desde a época do seu tataravô. O menino pergunta:

— E por que existe essa tradição?

O pai explica:

— Então, filho, é pra não perder a conexão com a natureza e com as nossas origens. A nossa família decidiu fazer essa trilha de pai para filho, pra passar a sabedoria e os costumes culturais.

Chegando ao fim da trilha, os dois veem uma paisagem linda e passam o dia inteiro esperando o pôr do sol. Depois, voltam para encontrar a mãe. Após uns vinte minutos, ela chega, e eles entram no carro.

A mãe pergunta:

— Como foi a trilha? Os dois respondem:

— Foi muito boa!

O pai pergunta à esposa:

— E o seu dia, amor, como foi?

A mãe responde:

— Foi tranquilo.

E assim, a família volta pra casa vendo o lindo pôr do sol, mantendo viva a tradição que passava de geração em geração.

O FIM DO MUNDO QUE A GENTE CONHECE

O ano é 2025, dia 4 de abril, em uma cidade que está batendo recordes. O sol entra pela janela de um quarto, trazendo luz para o ambiente escuro. Na cama está um homem de 30 anos, com cabelos pretos e olhos castanhos, com um olhar cansado. Ele se levanta e vai para a cozinha preparar o café da manhã: dois pratos, um para ele e outro para o filho, que acorda meio sonolento com o pijama ainda no corpo.

— Bom-dia, pai. — diz o menino.

— Bom-dia, filho. — responde o pai.

Os dois se sentam à mesa. Passam-se dez minutos comendo o café da manhã em puro silêncio. Então o filho diz:

— Pai, é o aniversário da mamãe hoje. Com a voz triste, o pai responde:

— Eu sei... Queria que ela estivesse com a gente.

Dois minutos depois, o pai se arruma para o trabalho, entrega o lanche para o filho e se despede:

— Até depois.

— Até depois, pai. — responde o menino.

Ele sai de casa, entra no carro e dirige até o trabalho. As ruas estão cheias de carros, e ele acaba preso no trânsito. Para passar o tempo, liga o rádio. A última notícia fala sobre as negociações da guerra entre Rússia e Ucrânia, que voltaram a gerar tensões com a Europa — um ultimato havia sido dado à Rússia. Ele desliga o rádio e continua dirigindo.

Ao chegar ao trabalho, coloca a máscara e entra na editora de jornal. Vai direto para o seu escritório de costume. Quarenta minutos se passam, e ele está escrevendo uma matéria sobre o meio ambiente e os povos originários, quando ouve passos pesados. Seu chefe aparece na porta e berra:

— Agora você vai fazer a matéria da guerra entre Rússia e Ucrânia! Bernardo fica em silêncio.

— Me entrega até a próxima quinta-feira na minha mesa. — diz o chefe.

Quando está prestes a sair, o chefe se vira e completa:

— Meus pêsames pela sua esposa. Ela era uma das melhores jornalistas que eu já conheci.

Ele sai, deixando Bernardo sozinho na sala, cercado pelo silêncio e pelos próprios pensamentos. Bernardo termina a matéria que estava fazendo e, ao olhar o relógio, percebe que já está na hora de ir embora. Despede-se dos colegas e vai até o carro.

A rua está completamente vazia, sem nenhum carro. Ele liga o rádio, que toca a música que costumava ouvir com a esposa — e isso traz lembranças da juventude deles. Passam-se dez minutos, até que a transmissão é interrompida por um anúncio de emergência: começou a Terceira Guerra Mundial.

Ele para o carro, estaciona e sai, tentando ligar para o filho. Mas, antes que consiga, aparece um alerta no celular. Logo em seguida, os alarmes da cidade começam a tocar, ecoando o som ensurdecedor pelas ruas. Ele olha para o céu e vê, ao longe, mísseis caindo, formando cogumelos de fumaça e fogo — as bombas nucleares queimando tudo.

Nos seus últimos pensamentos, ele entende que está vendo o fim de tudo o que conhece.

“Espero que o meu filho fique bem”, pensa.

OS VENTOS DO SUL

Em uma bela tarde de um domingo de sol radiante, no porto de Salvador, havia um marinheiro velho, de cabelos cinza, em uma casa simples, olhando para o mar em uma rede, com um olhar cansado. Ele fica quase uma hora admirando o mar e depois vai para o quarto.

Sentado na cadeira, vê o calendário: junho de 1944. Ele puxa um papel e uma caneta, começando a escrever:

“Meu querido neto,
Como está indo aí na Itália? Eu espero que você esteja bem e se alimentando corretamente. Aqui no Brasil está tranquilo, com as ondas do mar. Eu pesquei o maior peixe outro dia, queria que você estivesse aqui para vê-lo, meu neto.
Quando você voltar, sua vara de pesca estará onde você a deixou.
Amor,
Vovô.”

Terminando a carta com a cara triste, o senhor sai de casa e manda pelo correio. Voltando para casa no escuro, ele dorme e acorda cedo no dia seguinte para fazer sua rotina. Faz o café da manhã, se arruma com a roupa de marinheiro e anda pela rua com um sorriso, dando bom dia para as pessoas. Ele vai para a peixaria e começa a conversar com o dono.

— Bom-dia, veterano. — o dono da peixaria diz ao marinheiro.

— Bom-dia, Ricardo. Como está a minha filha e a minha netinha?

Com isso, aparece uma criança de 9 anos correndo em direção ao marinheiro.

— Vovô!

— Vem cá, minha fofinha. — o marinheiro diz enquanto lhe dá um abraço bem apertado.

— Vovô, quando o meu irmão vai voltar?

— O seu irmão está trabalhando no exterior, não sei quando volta.

Após essa breve troca, uma linda mulher de cabelos longos e pretos, com olhos marrons, surge de trás da peixaria.

— Bom-dia, filha. — o veterano diz para a mulher do dono da peixaria.

— Bom-dia, pai. Vai pescar hoje?

— Sim, é o meu jeito de viver. E hoje vou tentar pescar o maior peixe para o seu aniversário.

Eles se abraçam e o veterano sai da peixaria, indo para o porto. Vendo os amigos de longa data da Marinha, ele os cumprimenta antes de entrar no seu barco e ir para o mar pescar. Ele passa o dia inteiro no mar, conseguindo dez peixes no total. O veterano repassa a maioria para seus antigos companheiros de guerra, voltando para casa com os três maiores peixes para a festa de sua filha.

Com o passar dos dias, ele recebe a carta do neto pelo correio:

“Olá, avô,

Eu tô bem aqui na Itália. Está bem difícil de me adaptar ao clima, mas estou previsto para voltar no dia 16 deste mês. Quando eu voltar, a gente vai pescar; aí euuento as minhas histórias de guerra e você me conta as suas histórias de marinheiro.

Seu querido neto.”

Com isso, o veterano fica feliz e ansioso pela volta do neto. A última semana passa como um sopro e, finalmente, avô e neto se encontram. O veterano vê que o neto perdeu a perna e está com uma prótese e uma medalha de honra. Com a família reunida, eles voltam para casa, comemorando a volta do neto e da medalha, tendo, assim, um final feliz.

JOSÉ LATGÉ

EXISTÊNCIA DESIDIOSA

Sergio era um niteroiense habitante da Paulo Gustavo, usuário de gelato e parcialmente calvo. Sergio era um aposentado sonegador de impostos e de fisionomia semelhante à de um vaso chinês pomposo. Sua rotina era fútil e banal. Ocasionalmente caminhava na praia e, se lhe sobrasse tempo, assistia a um vídeo supérfluo nas plataformas midiáticas. Era uma vida típica e de poucas ambições.

Sergio não era dos mais inteligentes; porém, não era desprovido de capacidade neural. Além disso, era solitário e pouco amado — sem parentes próximos ou confidentes. Provavelmente, seu melhor amigo era o porteiro de seu prédio, Robson, que apenas lhe assegurava uma “boa-tarde” vespertina e o via como um mero conhecido. Por sorte, devido ao seu singular cognitivo, Sergio não percebia sua condição e vivia confortável na ignorância.

Em um dia fatídico, enquanto atravessava a Miguel de Frias, em frente à reitoria da UFF, com a intenção de chegar à orla de Icaraí, Sergio foi de encontro a um fusca verde em alta velocidade que vinha fazendo a curva. Ele caiu no chão desmaiado. O motorista do fusca, um jovem professor atrasado e flácido, tentou socorrê-lo e ligou para a ambulância. Quando os socorristas chegaram, Sergio já não tinha mais pulso — mas afirmaram que ele morreu de modo indolor, pois, devido ao impacto impetuoso do fusca, não teve tempo de sentir as constatações lancinantes de seus nervos.

Sergio havia morrido. Foi enterrado em uma vala rasa, de modo que o único presente era o coveiro — um imigrante mexicano que, enquanto o enterrava, pensava: “Pobre homem, sua segunda morte virá logo.”

Sergio deixou de existir, e ninguém reservou o próprio tempo para prestigiar sua cerimônia de não existência.

O ESTIRÃO

No bairro de São Francisco, onde o mar olhava para a terra com desprezo, erguiam-se torres de concreto como se o céu estivesse à venda. As janelas multi- plicavam-se, todas voltadas para a mesma hipérbole arquitetônica que gerava um horizonte domesticado. A cidade, em seu delírio de grandeza, tentava alcançar o céu sem se importar com as sombras que apenas aumentavam.

Nesse cenário de validade curta, um homem — mendigo para alguns, andari- lho para outros — caminhava. Chamavam-no de louco, talvez por não ter onde cair, talvez por enxergar demais. Este homem incógnito ouvia as marés. Escutava seus ultimatos e seus avisos, e pedia perdão em nome de sua espécie. Ele alertava o que o oceano via: que a terra um dia cobraria o aluguel do ar.

A sociedade o ignorava com a convicção de quem se julga eterno. Evitavam cruzar com esse homem com medo de que ele revelasse o que já sabiam: que os pré- dios não subiam, afundavam. Cada andar construído era um patamar atingido rumo ao sufocamento da cidade, e cada sacada, uma confissão de culpa envernizada em vidro.

Quando o homem desapareceu, alguns disseram que fugira; outros, que fora engolido pelo mar, cansado de ser seu arauto. Após seu sumiço, restou apenas o eco de sua profecia: “As torres hão de tombar não pela ira divina, mas pela paciência da terra.”

E o bairro, que antes sonhava com altura, acordou numa manhã asfixiado pelas torres.

VÍCIO

Existe uma lenda antiga sobre um ser quase incógnito. Este sujeito era conhecido por alguns e temido por muitos; entretanto, era desprovido de adjetivos, como um sujeito autossuficiente, núcleo de sua oração. Inicialmente, achava-se que este ente era presságio de boa sorte, talvez um arauto da ventura. Porém, a verdade é que esse ser esperava, à espreita, nas mesas de bicho, aguardando um momento oportuno para lançar seu olhar cativante, encantador, auspicioso e sedutor, com a índole de capturar os ingênuos...

Certa vez, Ana Clara, uma menina doce, meiga e de futuro pródigo, foi levada, por acidente, a experimentar o deslumbrante olhar penetrante na alma do sujeito autossuficiente. A sensação foi como se cada nervo dela gozasse juventude. E, após essa sensação, ela não se entusiasmava mais com seus projetos, sonhos e ambições, pois, após ver o arco-íris, o rosa não tinha mais graça — e, com isso, foi condenada sem direito a remediação.

Ana havia adoecido, e sua doença era a antítese da cegueira; não podia mais viver com poucas cores em sua vida, pois havia se viciado na emoção do jogo. A família, embora tivesse boa condição financeira — composta apenas por seus pais e seu irmão —, sucumbiu junto a Ana, pois gastaram todas as economias visando salvá-la do vício. Todos os esforços foram em vão, pois ela se tornara prisioneira da vivacidade.

É válido postular que Ana não abriu mão, mas existem seres fortes que conseguem abdicar da vitalidade que proporciona o ente núcleo de sua oração. Todavia, é necessário ter precaução, pois, uma vez prisioneiro do olhar cativante, não há como ter ressurreição. E o ente está sempre à espreita, buscando mais uma vítima para aprisionar em seu olhar.

LUANA CASTILHO

LUA DE SANGUE

A lua, arredondada e pálida, pairava sobre a floresta. Chloe caminhava furtivamente, a cada passo silencioso, com uma estaca presa à cintura. Sua pele morena refletia discretamente a luz fraca, e os cabelos castanhos ondulados, presos em uma trança baixa, balançavam nas costas. Os olhos cor de mel analisavam a escuridão atentamente, firmes como sempre foram. Era conhecida como a caçadora astuta.

Mas, naquela noite, havia algo diferente: um perfume doce, metálico — e uma presença que ela não sabia se temia... ou ansiava.

Foi então que a viu.

Encostada em uma árvore, com a pele tão pálida que parecia feita de mármore, estava Lilith. Seus cabelos ruivos desciam até a cintura, contrastando com os lábios da cor vermelho carmesim. Os olhos, de um vermelho profundo, brilhavam como brasas, com pupilas estreitas, semelhantes às de uma fera. Vestia um vestido longo preto, com detalhes em vinho nas mangas, e cada movimento seu era silencioso como um sussurro.

— Veio terminar o que seus antepassados começaram? — disse Lilith, sem se mover, a voz ondulando como seda gélida.

Chloe não sacou a arma. O coração bateu rápido — mas não de medo.

— Vim porque você me chamou. — respondeu a caçadora, firmemente.

Lilith sorriu de canto, surpresa por vê-la admitir aquilo. Em sonhos, sussurros e preságios, havia tocado a mente da humana durante semanas. Não para matá-la, mas para entender por que o rosto daquela mulher de olhos cor de mel e postura firme não saía de sua memória secular.

— Sabia que viria. — disse Lilith, erguendo o queixo. — Você sente, não sente?

Essa... Inquietação.

Chloe respirou fundo, sentindo o couro da jaqueta escura apertar contra o peito.

As botas marcavam o chão úmido, e o cabo da adaga roçou sua cintura.

— Você é meu alvo. — mentiu a caçadora, tentando se convencer.

Lilith deu um passo à frente, devagar, como quem se aproxima de um animal arisco. O movimento fez seu vestido deslizar como sombra viva.

— E mesmo assim não aponta a estaca para mim.

O silêncio pareceu suspenso no tempo. A brisa moveu as folhas, mas nenhuma das duas desviou o olhar.

Chloe finalmente falou, num sussurro:

— Por que não me atacou todas as vezes que eu te cacei?

A vampira inclinou a cabeça, como quem confessa um segredo ao luar.

— Porque quando te observo... Algo dentro de mim, que deveria estar morto, acorda.

O peito de Chloe ardeu. Ela se aproximou mais um passo, quase sem perceber.

A distância entre elas agora era de um suspiro.

— Isso é perigoso. — murmurou a caçadora.

— Para nós duas. — concordou Lilith.

Nesse instante, nenhuma era presa ou caçadora. Eram apenas duas pessoas que o destino empurrou uma contra a outra — e agora estavam unidas por um fio invisível.

Chloe ergueu a mão, tocando o rosto pálido e gelado de Lilith. A vampira fechou os olhos, como se aquele gesto queimasse mais do que o fogo. Lilith, por sua vez, segurou a mão da humana e a manteve ali, entrelaçando os dedos — suas unhas alongadas roçando de leve a pele viva e aquecida de Chloe.

— Se quisesse me matar, já teria feito. — disse Chloe, enfim.

— Se quisesse fugir de mim, não teria vindo. — devolveu Lilith.

E então, num instante que pareceu fora da realidade, Chloe encostou a testa na de Lilith. O toque foi calmo e silencioso, porém cheio de algo que nenhuma delas sabia dizer.

A floresta assistiu, calada, àquela cena: a caçadora abaixando a estaca e a vampira que abriu mão das presas.

A noite ainda lhes era inimiga. O mundo, ainda mais. Mas ali, sob a lua que tudo olhava, surgiu algo que ninguém poderia interromper.

RAÍZES E PASSOS — COMO ADIAR O FIM DO MUNDO

Ele não tinha nome. Bem, talvez já tenha tido, mas se esqueceu junto com o mundo. Se alguém o visse, diria que era um andarilho. Mas não era bem assim. Não acreditava em salvar nada. Acreditava apenas em adiar o fim do mundo que os humanos estão adiantando. Caminhava entre ruas. De vez em quando, deitava na grama para conectar-se com a natureza e a Terra. Aprendeu que, com o contato com a natureza, a Terra sente e vive, mesmo quando é maltratada.

Pegava itens jogados, não por necessidade, mas para impedir que se tornassem maiores no dia de amanhã. Enterrava sementes em rachaduras de concreto, sem esperar brotos, apenas para que a Terra se lembrasse de si mesma.

Numa noite, encontrou um depósito abandonado onde tambores de veneno estavam à beira de se romper. Cavou com as mãos até a pele abrir e enterrou cada um. Não por esperança. Mas porque o fim do mundo tem pressa, e ele preferia que andasse devagar.

Quando via pássaros caídos no chão, ajudava-os a voltar para seus ninhos de origem. Acreditava numa ideia que nunca disse em voz alta: o mundo não quer acabar. Quem está acabando são aqueles que esqueceram que pertencem a ele. Se os humanos esquecerem da natureza e se machucarem, seja verbalmente ou fisicamente, o mundo irá acabar.

Quando percebia pessoas aplicando discursos de ódioumas às outras, ele intervivia, entrava no meio, separava a briga e novamente lembrava de sua ideia: o mundo não quer acabar. Quem está acabando são aqueles que esqueceram que pertencem a ele. Se os humanos esquecerem da natureza e se machucarem, seja verbalmente ou fisicamente, o mundo irá acabar.

Por isso ele seguia. Sem rumo, sem medo. Apenas com nojo e desapontamento do que fazem com o planeta onde vivemos e pelo que fazem com pessoas da própria raça — isto é, a raça humana.

Tudo o que ele fazia era com atraso. Tipo um motor que não ligaria mais. Um bueiro desentupido antes da chuva. Uma raiz protegida de uma pá mecânica. Um fio desencapado retirado antes do incêndio. Uma poça d'água desviada do esgoto.

O fim já tentou chegar muitas vezes. Mas sempre encontrou um obstáculo fora de lugar. Um chão menos ruim do que deveria. Uma rachadura que ainda respirava. Uma catástrofe que perdeu o horário sem entender por quê.

Ele não grita. Não discute. Não machuca. Apenas continua a ajudar o mundo, principalmente mantendo o contato com a natureza de forma saudável para ambos, diferente de boa parte das pessoas.

Se existe amanhã, não é por salvação. É por atraso. E ele é quem atrasa.

O DIA QUE O MUNDO VOLTOU A RESPIRAR - ADIAR O FIM DO MUNDO 2

Diziam que o fim do mundo viria em silêncio, não com explosões, mas com o cansaço da Terra. As árvores deixariam de respirar, os rios se esconderiam, e os animais, cansados, se calariam para sempre.

Mas ninguém acreditava, pois o fim parecia sempre tão distante.

Até que, numa manhã, o chão começou a rachar debaixo das cidades. O céu escureceu, e os pássaros, desorientados, voavam em círculos. Foi então que uma criança, chamada Aya, levantou a mão e perguntou:

— E se o mundo só estiver pedindo um pouco de respeito?

Os adultos riram. Mas Aya saiu pelas ruas e começou a plantar pequenas sementes nas fendas das calçadas e em locais floridos. Cada semente era uma promessa: “Eu te escuto, Terra.”

Outras crianças a seguiram, depois alguns jovens, e até os velhos cansados. Plantaram árvores onde antes havia lixo, pediram desculpas aos rios, dividiram o lanche e o silêncio.

Aos poucos, o mundo começou a respirar de novo.

Ninguém sabia explicar, mas o fim foi adiado. Porque o respeito — por cada vida, por cada diferença, por cada pedaço de chão — é o único feitiço capaz de deter o fim.

Desde então, quando alguém pergunta como evitar o fim do mundo, Aya responde sorrindo:

— Com respeito. Porque o mundo só acaba quando esquecemos de cuidar.

MARIA EDUARDA ODRIOSOLA

CASA

— Cara, dá pra parar de andar igual uma barata tonta? — Falei, passando a mão direita pelos meus cabelos ruivos.

— James. — Eu o chamei uma vez, sendo completamente ignorado.

— James. — Chamei mais uma vez, novamente sem sucesso.

— James!

Ele parou de andar e se virou para olhar em minha direção.

— O que foi?

— Senta aqui, tá quase abrindo um buraco no chão de tanto andar em círculos. Eu me movi um pouco para o lado esquerdo, deixando mais espaço vago para James se sentar ao meu lado no colchão.

Ele suspirou e veio em minha direção. Sentou-se ao meu lado, deixando pouca distância entre nós.

— Quer conversar? — Perguntei. Conhecendo James há tantos anos, sei que pressioná-lo a falar como se sente nunca é uma boa escolha. Para meu alívio, James assentiu.

— Tô preocupado com a Diana.

— Você não ligou pra ela hoje de manhã?

— É, mas até ela não chegar na casa do Chris, não vou conseguir ficar em paz.

Eu suspirei e passei meu braço direito pelos ombros de James. Diana era sua irmã mais nova. Ela morava na cidade natal da família de James, Downey, mas estava indo se refugiar dos incêndios na casa do Chris, um dos irmãos mais velhos, no Texas.

— Ela vai ficar bem, James. Já já ela vai estar lá aturando o Chris. — James deu uma risada nasal. — Agora precisamos nos concentrar em nós.

Até os incêndios serem resolvidos, não dá pra voltar pra casa. E eu não queria ficar nesse Com os incêndios na Califórnia, tivemos que abandonar a nossa pequena casa em São Francisco, e agora estávamos nos refugiando em um abrigo em Nevada. O abrigo não era ruim, mas não era bom. Era um grande ginásio de uma escola; moradores locais disponibilizaram colchões, roupas, água e comida, mas a ideia de passar muito tempo rodeado de gente, sem privacidade alguma, é terrível. E se torna pior quando você está se refugiando com seu namorado — e vocês são dois homens.

— lugar por saber-se lá quanto tempo. — James passou a mão direita nos cabelos loiros, bagunçando sua franja. Uma mania dele que eu amava.

— Eu posso tentar falar com o Nick. Ele tá dividindo um apartamento com o Marty em Nova York.

— Mal cabe eles dois naquele lugar, quem dirá nós dois com esse monte de coisa. — Eu ri. Realmente, o apartamento de Nick e Marty não era o mais espaçoso do mundo.

— E o Kirk e o Lars? — Sugeriu.

— Tá maluco, Dave? Eles acabaram de se casar! — James disse como se eu já não soubesse disso. Quer dizer, nós literalmente fomos padrinhos do casamento.

— James, eles são seus melhores amigos. Você acha mesmo que eles vão nos negar abrigo? Sem contar que eu sempre quis surfar em Miami. — Levei minha mão ao cabelo de James, ajeitando a franja bagunçada.

— Primeiro, você não sabe surfar. Segundo, eu não seria tão cara de pau ao ponto de ligar pra eles pra pedir isso.

— Primeiro, eu posso aprender. Segundo, não tem problema, eu ligo. — Eu tirei o celular do bolso da calça, desbloqueei e comecei a procurar pelo contato de Lars.

— Quê? Dave, não, não faz isso. — James tentou tirar o celular da minha mão, sem sucesso.

Coloquei o celular na orelha e esperei. Ao quarto toque, a voz familiar de Lars soou do outro lado da linha:

— E aí, Dave! Como vocês estão?

— Oi, Lars. A gente tá bem, mas eu queria te pedir um favor meio grande. — Olhei pro lado, vendo James desesperadamente balançar a cabeça, silenciosamente pedindo para que eu não continuasse falando com Lars.

Do outro lado da linha, Lars perguntou qual era o favor. Eu suspirei.

— Eu sei que é meio sem noção pedir isso, mas eu e James podemos ficar aí?

Só enquanto não podemos voltar para casa. Mordi meu lábio, esperando a resposta.

— Claro, cara. Eu e o Kirk já estávamos planejando convidar vocês de qualquer forma.

— Eu suspirei aliviado.

Após vários minutos de conversa com Lars pelo telefone, desliguei e guardei o celular no bolso novamente. Ao olhar para o lado, James me encarava como se eu tivesse roubado o doce de uma criança.

— Eu não acredito que você fez isso.

— Qual é, James, quer mesmo ficar aqui?

— Você sabe muito bem que eu detesto depender dos outros. — James jogou o corpo para trás, se deitando no colchão.

— É, mas eu também sei que você tá doido pra ver aqueles dois de novo. — Eu me deitei ao seu lado.

James riu levemente. — É, eu tô

— Então problema resolvido. Arrume as malas, James, nós vamos para a Flórida.

— Mas só até podermos voltar para casa.

Eu sorri e me virei no colchão, encerrando a distância entre nossos corpos.

— Tá, só até podermos voltar para casa. Mas, sendo sincero, pra mim casa é qualquer lugar em que eu possa estar com você.

— Isso foi bem gay. — James comentou, passando a mão no cabelo de novo, bagunçando novamente a franja.

— Nós, literalmente, somos namorados. — Eu ri e dei um tapa fraco no braço dele.

— Falando sério, você sendo romântico? Surpreendente. Eu arrumei a franja rebelde dele novamente.

— Só com você.

POR TRÁS DAS CÂMERAS

— Corta! — Gritou o diretor. — Ok, pessoal. Trinta minutos e voltamos a rodar.

Caminhei o mais rápido que pude até o trailer branco, onde a única pessoa que eu estava a fim de ver no momento se encontrava. Após dar três batidas na porta, a voz que sempre era capaz de me arrepiai soou:

— Pode entrar!

Abri a porta do trailer e entrei. Havia um suave cheiro de avelã e nozes no ambiente, meu cheiro preferido. Me dirigi até a figura sentada em um banquinho em frente ao grande espelho.

— Annie. — A linda voz pronunciou.

— Clara. — Eu disse seu nome. Eu amava o lindo nome da minha amada. Ama- va a forma como minha língua se enrolava ao pronunciar aquelas cinco letras que formavam minha palavra preferida.

Ela se levantou, ficando de frente para mim, e passou as mãos nos fios de ca- belo. O belíssimo cabelo de Clara. Como eu amava passar minhas mãos pelos fios pretos quando a beijava. O “french bob” com franja havia se tornado uma das suas principais marcas em Hollywood.

— Você está com tempo? — Os pequenos lábios pronunciaram, enquanto seus lindos olhos me olhavam. Clara era tão linda, parecia uma delicada boneca de porcelana.

— Trinta minutos. — Minhas mãos rodearam a cintura dela. Mas, para minha surpresa, Clara deu um passo para trás, afastando-se de mim.

— Precisamos conversar. — Suas lindas feições deram lugar a uma preocupação evidente. Meu coração doeu. Eu já imaginava o que minha amada estava prestes a dizer.

— Não dá mais, Annie. Eu estava certa.

— Novamente esse assunto, Clara?

— Você sabe muito bem o porquê de eu sempre trazer à tona este mesmo assunto

— Eu sabia. Mas eu odiava isso. Eu tinha plena consciência de que o maior medo de

Clara era estampar as capas dos jornais por estar se relacionando com uma mulher. E eu entendia. Mesmo já no ano de 1928, a ideia de duas mulheres se amarem ainda era vista como completamente nojenta. E isso arruinaria nossas carreiras. Eu entendia, mas não me contentava com o medo constante de Clara.

— Eu sei muito bem. É porque você tem medo de que te chamem de lésbica.

— Eu não sou lésbica. — O delicado rosto de Clara tornou-se irritado, algo raro, já que minha amada costumava estar sempre radiante com seu lindo sorriso.

— Não é porque você não consegue gostar de homens, que eu também não consigo.

O meu coração doeu. Provavelmente, minha expressão facial entregou meu desconforto com a fala de Clara, já que suas feições suavizaram.

— Desculpa, eu não deveria ter dito isso. — Clara se virou e se sentou novamente no banquinho.

Andei até a penteadeira em frente a ela e me encostei no móvel de madeira.

— Está tudo bem. Não está tão errado assim.

Por vários minutos, o silêncio se instaurou entre nós. Mas, diferente do silêncio aconchegante que preenchia nossos quartos após nossos momentos mais íntimos, esse silêncio era desconfortável. Era sufocante.

— Rex Bell quer sair comigo. — Clara finalmente disse, quebrando o maldito silêncio.

— Acho que vou aceitar.

— Quê? — Por um segundo, achei que tinha ouvido errado. Minha amada pensando em aceitar um encontro com outra pessoa? Com um homem?

— Annie, se eu me relacionar publicamente com um homem, teremos mais chances de passar despercebidas.

— Ah, claro. E você vai fazer o quê? Se casar com ele e me ter como amante? Seria uma ótima matéria para estampar um jornal. — Cruzei os braços em frente ao corpo.

— Bom, pelo menos eu estou tentando arranjar uma solução! — Clara se levantou.

— Eu não quero uma solução, Clara! Eu quero você! — Eu a abracei pela cintura quase que automaticamente.

Clara fechou os olhos e suspirou.

— Eu também quero você. Mais do que tudo. — Seu corpo se aconchegou contra o meu e seus braços rodearam meu pescoço.

Encostei minha testa na dela, sentindo sua respiração na minha pele.

— Então, fica comigo. Só fica comigo. Esquece tudo. A gente pode pensar nisso depois. Por favor, Clara, só fica comigo.

Fechei meus olhos e juntei nossos lábios. O gosto suave do batom dela invadiu minha boca. O corpo de Clara se aproximou ainda mais do meu, e eu aumentei o aperto em sua cintura, não querendo soltá-la nunca mais. Eu poderia ficar assim para sempre.

De repente, a porta do trailer se abriu e a voz espantada do diretor soou:

— Bow?! Baker?!

Clara e eu afastamos nossos rostos e olhamos para o diretor em pé na entrada do trailer. O olhar incrédulo remetia ao de um cervo em frente a um carro no meio da noite.

A feição que tomou conta do rosto do diretor a seguir, uma mistura de horror com nojo, servia apenas para confirmar o que eu e Clara já sabíamos: nossas carreiras estavam acabadas.

BANHOS QUENTES E FINS DE MUNDO

“Israel descumpre cessar-fogo e bombardeia Palestina novamente.” Lia-se na notícia publicada duas horas atrás. Jonathan desligou a tela do celular, largou o aparelho na mesa de madeira e suspirou.

— Tá tudo bem? — A voz de Fred soou pela quieta sala de jantar. Jon suspirou novamente, passando a mão pelos cabelos.

— Tá. Eu só... perdi a fé na humanidade.

Fred tirou a atenção do envelope em sua mão e levantou o olhar. Os olhos azuis do rapaz registraram o rosto cansado do outro homem. — De novo? — Perguntou em tom de piada. — Já é a terceira vez. Terceira vez só esta semana.

— A culpa não é minha se toda vez que eu abro o Twitter aparece uma notícia ruim.

— Os olhos castanhos de Jon encontraram os de Fred. Não era exagero dizer que Jonathan estava cansado de ler, todos os dias, o mesmo tipo de notícia nas redes sociais: guerras, aquecimento global, preconceito... Jon se perguntava como era possível tantas coisas horríveis acontecerem em tão pouco tempo.

— Já pensou em desinstalar o Twitter? — Fred fechou mais um convite de casamento.

— Você fala isso toda vez. — Jon soltou um riso baixo enquanto organizava a pilha de convites. De fato, Fred costumava responder suas preocupações com sugestões de desconectar-se das redes sociais. O noivo repetia tanto a mesma frase que Jon estava começando a considerar a opção.

— Quer saber? — Fred soltou o convite que estava preparando. — Tá na hora de uma pausa. — O homem se levantou, deu a volta na mesa e pegou o noivo pela mão. — Vamos tomar um banho quente.

Jon se levantou com uma expressão confusa estampada no rosto. Desde quando Fred sugeria banhos quentes?

— Você nem gosta de banhos quentes.

O homem riu. — Eu faço um esforço por você.

Por volta de dez minutos depois, as roupas do casal estavam no frio chão do banheiro e os dois homens estavam sentados de frente um para o outro na — não tão confortável — banheira branca.

— Você não pode tirar isso nem pra tomar banho? — Jon indagou, prendendo os longos cabelos pretos para evitar molhá-los.

Fred riu, sabendo que o futuro marido se referia ao seu tão amado boné. — Claro que não. Ele ajeitou o boné vermelho para trás. — É meu charme.

— Faça o favor de tirar isso para... — Jon parou, pensando cautelosamente em suas palavras. — Você entendeu.

A risada de Fred preencheu o banheiro mais uma vez. Jon não conseguia evitar ficar fascinado com a facilidade do amado em rir de tudo, a todo momento.

— Relaxa. Prometo deixar meu boné fora do quarto.

Jon revirou os olhos. — Vem aqui. — Fred chamou, afastando as pernas para acomodar o corpo do noivo, que tinha uma estatura consideravelmente maior que a sua. Jon se virou, com certa dificuldade, encostando as costas no peito do outro homem.

Após vários minutos de um silêncio confortável, a voz de Jon foi ouvida no banheiro novamente.

— Fred?

O noivo respondeu com um singelo “Hm?” enquanto brincava na banheira, fazendo desenhos imaginários na água. — Já pensou no fim do mundo? Fred parou o que fazia.

— Quê?

— Tipo, já pensou se dá pra adiar o fim do mundo? — Jon indagou, sem prestar muita atenção na conversa iniciada por ele mesmo.

Fred pensou por alguns segundos antes de responder. — Já. — O rapaz voltou a focar em seus desenhos imaginários na água.

— E qual foi a conclusão? — Jon continuou suas perguntas.

— Se nem os dinossauros conseguiram, quem dirá nós. — Fred brincou.

Jon virou-se novamente, com dificuldade, dada a largura da banheira, encarando o noivo.

— Você acha que não tem nenhuma esperança?

Fred riu baixo. — Eu acho que você pensa demais sobre isso. Por que não aproveitamos nossas vidas sem pensar em um apocalipse futuro hipotético?

Jon voltou à sua posição original. — Pode ser. —, murmurou.

— Que tal a gente ver um filme embaixo das cobertas como antigamente? —, Fred sugeriu.

Jon assentiu e se esticou para pegar as toalhas.

Uma coisa era certa: Jon e Fred não podiam adiar ou impedir o fim do mundo, mas enquanto tivessem um ao outro, tinham tudo o que precisavam.

Poemas

SENTIR

Akawã Monteiro – 9º ano

Este caminho,
cavado por algo além de nós. Um lugar,
onde a vida pode estar a sós.

Mas,
não me sinto só!
O ar, as árvores, as formigas...

O chão que piso, as cores que sinto,
o vento que respiro...

É natural,
é natureza!

O VENTO

Fernanda Medeiros – 9º ano

O feriado está chegando
E eu continuo andando
Pensando no que anseio
E causa dor no peito
Várias flores por aí
E sinto que não floreci
O cheiro agradável no ar
Com o vento à levar
E no final tudo passa
Mas o vento continua o mesmo
Fazendo o trabalho escolhido a dedo
De simplesmente ser, sentir e viver.

CÉU INCOLOR

Fernanda Medeiros – 9º ano

Hoje o céu está feliz
O azul que diz
Mas as vezes está sem cor
Completamente incolor
Nada vê, nada sente
Porém as vezes ele mente
Ele sente muito, mas continua incolor
Virando um impostor
Para si mesmo.

AQUI

Gael Fonseca – 9ºano

Na natureza, não existe nada feio
Tudo aqui é bonito
Aqui, tudo é puro
Tudo é harmonia
Lindo...
De cá, o vento leva
De lá, o vento recebe.

Tudo é perfeito!
Das árvores, as folhas saem...
O vento as leva.

ESTE LOCAL

Laura Teixeira – 9º ano

Neste local...
Sinto o vento
Sinto a calmaria
Sinto coisas boas.

Um lugar calmo
Com poucos barulhos
Mas com uma vista linda
E um silêncio incrível.

Neste local...
Podemos relaxar
E sentir.
Sentir o vento
Ver as árvores balançando

O cheiro das flores...

CALMARIA

Lívia Amazonas – 9º ano

Nesse lugar calmo,
Que estamos em contato com a natureza,
Sinto-me bem ...
Com as árvores, folhas.
O vento bate no meu rosto,
Estou de frente para o mar
Sinto-me bem...
Mais tranquila, quando estou nesses
lugares.
Distrai minha mente e me acalma.

MUNDO URBANO

Maria Clara Medeiros – 9º ano

Sons de uma grande cidade
Buzinas e cumprimentos amigáveis
Bicicletas e carros
Todos sons notáveis.
No meu cabelo...
Uma brisa suave
Sussurrando e assobiando
Uma espécie de chave
Para me libertar do urbano.

O BARULHO DO SILENCIO

Miguel Vergara – 9ºano

O vento quebra o silêncio do ambiente
Ao mesmo tempo que, o vento, faz
parte dele.
Sociedade acostumada com o barulho
da cidade...
Sair um pouco disso é necessário para
saúde mental.
Observar a natureza, acalma-me.
Ouvir o vento...
Concentra meu pensamento, sem
distrações.

O SILENCIO NOS ACOLHE

Alice Maia – 3^a série do Ensino Médio

As árvores nos abraçam
As folhas sussurram seus segredos
E os animais falam pelos cotovelos.

Mais tarde, o silêncio reinou
Deixando uma mente barulhenta...
AZIA!
Sem nenhum pio, apenas a história de
Harriet ao fundo.

Somente o som de corredores
descendo e subindo,
junto com a brisa quente

EU NÃO GOSTO DE MATO, MAS...

Maria Eduarda Odriosola – 3^a série do Ensino Médio

Detesto o esforço de subir.
Não gosto do cheiro do mato,
Do barulho dos insetos.
Não gosto das picadas dos
mosquitos.
Mas gosto das borboletas.
Gosto do silêncio.
Gosto de ver os macaquinhas nos
fios.

Autores e autoras



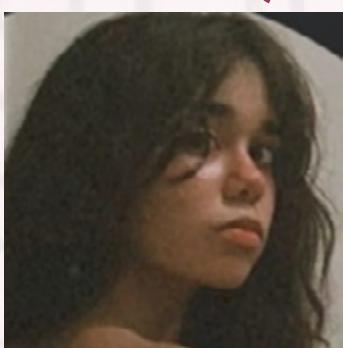
Sou Akawã Carvalho Gomes Monteiro, sou indígena, do povo Baniwa. Meu pai é Denilson Baniwa – artista visual. Minha mãe é Melissa Monteiro – poeta e professora universitária. A origem do meu nome é da língua indígena Nheengatu e significa Falcão. Eu nasci em Niterói e também desenho, sou fluente em inglês e toco bateria. Sou uma família de artistas e que luta pelos povos indígenas e direitos humanos.

Alice Maia



Sou uma pessoa cativante, criativa e também muito sincera, que gosta de ajudar em tudo e a todos a qualquer momento.

Alice Marques



Meu nome é Alice Marques, tenho 17 anos e aluna da 3ª série do ensino médio da AEN. Sou artista visual e tenho amor pela arte, pela música e pela cultura.

Fernanda Câmara

Meu nome é Fernanda Câmara de Medeiros, tenho 15 anos e estudo na turma do 9º ano. Faço teatro, gosto de cinema, literatura e artes no geral.



Sou Gabriel Jordão Braga, nascido em 2005 em Niterói, é estudante da AEN desde 2019. Superou desafios da dislexia, TDAH e pandemia, destacando-se no ensino médio e nas áreas de humanas. Sonha em cursar Jornalismo e compreender o mundo por meio das palavras.

Gael Fonseca



José Latgé



Sou um estudante de 14 anos fluminense, pensador curioso e atento às complexidades do mundo contemporâneo. Interesso-me por temas que cruzam cultura, língua-gem e filosofia, mantendo sempre um olhar crítico e criativo sobre a realidade.

Laura Teixeira



Me chamo Laura, tenho 15 anos e estudo na AEN.

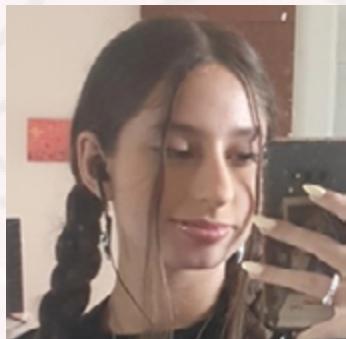
Luana Castilho

Me chamo Luana Castilho, estudo na AEN, na turma da 3a. série do ensino médio. Tenho 18 anos e faço poemas. Gosto de fazê-los, pois posso expressar meus sentimentos neles.

Maria Clara Câmara

Meu nome é Maria Clara Câmara de Medeiros, estudo no 9º ano e tenho 15 anos. Gosto de música e jogos.

Maria Eduarda Odriosola



Meu nome é Maria Eduarda Odriosola, tenho 18. Nasci no Rio Grande do Sul e me mudei para o Rio de Janeiro em 2023. Amo todo tipo de arte, principalmente música, e escrevo histórias com protagonismo LGBTQ+.

Miguel Vergara



Me chamo Miguel Sebastian e tenho 15 anos. Estudo na AEN desde 2024.



EU SOU PORQUE NÓS SOMOS

A **Associação Educacional de Niterói** é uma escola que acredita no poder das relações humanas e da coletividade. Aqui, cada espaço é vivido como um lar, onde estudantes, famílias e educadores constroem juntos uma comunidade de aprendizado. Nossa essência está em valorizar o ser humano, o ambiente e os vínculos que nos fortalecem.

Nosso compromisso é com uma educação humanista e de qualidade, que respeita o ritmo de cada estudante, mantendo-se fiel aos princípios da escola. A AEN é um lugar de acolhimento e descoberta, onde aprender também significa também formar cidadãos conscientes, solidários e preparados para transformar o mundo ao seu redor.



Ilustração: **Alice Marques** (3ª Série EM)
Associação Educacional de Niterói - 2025



3^a Série



9º Ano



Agradecemos por ler nosso livro. Esperamos que tenha gostado!

MEU  **É AEN**